

Folha de São Paulo - São Paulo, domingo, 22 de junho de 2008.

Elio Gaspari

## **O LIVRO DA BUSCA DA BOBINA PERDIDA**

Está nas livrarias a bonita narrativa de um caso de aventura, afeto e competência acadêmica. É “Memória do Jongo - As Gravações Históricas de Stanley Stein, Vassouras”. Em 1948, um casal de historiadores americanos vivia numa pensão e pesquisava a sociedade do café na última metade do século 19. Disso resultou o livro “Vassouras, um Município Brasileiro do Café, 1850-1900”, publicado em 1957 no Estados Unidos. Nele, Stanley Stein inovou a pesquisa histórica do período. Entendeu o andar de cima, mostrou o de baixo e escreveu um clássico da historiografia americana.

Nas suas andanças por Vassouras, Stein carregava um gravador de bobina. Registrou 81 pontos de jongo, batuques, cantigas e sambas. Transcreveu alguns jongos em seu livro e guardou a bobina numa caixa e lá ela ficou durante mais de meio século. O antropólogo Gustavo Pacheco soube desse tesouro e, em 1999, encontrou-se com Stein na Universidade de Princeton, mas o professor não sabia onde pusera a caixa. Achou-a em 2003. O carretel veio para o Brasil e o som guardado no fio de metal magnetizado foi transposto para CDs. Agora a relíquia de Stein vem num envelope colado à contracapa do livro. É emocionante ouvi-lo:

“Com tanta fava na horta

Canguro tá com fome”

“Jongo” tem cinco textos. Um, de Stein, contando sua viagem com a humildade dos sábios. Noutro, Pacheco narra o êxito de sua perseverança. Sílvia Hunold Lara mostra o caminho de Stein transformando Vassouras do café no “Vassouras” da história brasileira. As professoras Hebe Mattos e Martha Abreu fazem um passeio sobre a música dos negros e os jongos. Robert Sleenes leva a batucada das senzalas às suas origens centro-africanas.

“Jongo” é tão bom que demanda agradecimento à Petrobras por tê-lo patrocinado.